

Educação em saúde na escola: necessidade de prevenção ao uso de álcool e outras drogas por alunos do ensino médio

Health education in school: need for prevention of alcohol and other drugs use by high school students

Resumo

O álcool é a droga mais consumida no mundo, gerando doenças e mortes, além de servir como porta de entrada para outras drogas. Com objetivo de verificar o primeiro contato com a bebida alcoólica, o padrão de consumo e sua relação com drogas ilícitas, o presente trabalho aplicou um questionário para avaliar estudantes do 1º ano do ensino médio de uma escola pública. A maioria (90,91%) dos alunos já tiveram contato com o álcool e 49,1% já fizeram uso de cinco doses ou mais numa mesma ocasião, caracterizando o abuso agudo de álcool. Em relação ao uso de outras drogas, 36,4% dos adolescentes afirmam já ter experimentado. Uma vez detectado o problema, e este ocorrendo em idade escolar, há necessidade de iniciar a prevenção ao uso e abuso de álcool pela escola, de forma efetiva e diversificada.

Palavras-chave: Educação em saúde, experimentação de álcool, consumo de drogas, *binge drinking*.

Abstract

Alcohol is the most consumed drug in the world, causing sickness and death, and it serves as a gateway or shortcut to other drugs. In order to verify the first contact with alcohol by freshmen high school students of a public school, their consumption pattern and its relationship with illicit drugs abuse, the present study applied a questionnaire to information about alcohol consumption. Most of the students (90.91%) already had contact with alcohol and 49.1% made use of five shots or more in the same occasion, featuring acute alcohol abuse or binge drinking. Regarding the use of other drugs, 36.4% of teenagers claim to have already had experience. Once detected the problem, and this occurring in school age, there is a need to initiate prevention and alcohol abuse by school, with effectively and diverse approaches.

Key words: Health education, alcohol experimentation, drug consumption, *binge drinking*.

Introdução

O consumo de bebida alcoólica constitui um grave problema de saúde pública. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2014), o uso nocivo de álcool é responsável por 5,9% das mortes em todo mundo. No Brasil, resultados do I Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool, revelam que 52% dos brasileiros acima de 18 anos bebem pelo menos 1 vez ao ano (LARANJEIRA et al., 2007). No II Levantamento Nacional de Álcool e

Drogas, os dados encontrados mostram que 50% dos adultos brasileiros bebem. Entre eles, 53% o fazem ao menos uma vez por semana e ainda, 47% dos homens e 27% das mulheres fazem ingestão de 5 doses ou mais de bebida alcoólica em uma mesma ocasião (LARANJEIRA et al., 2014). Este padrão de consumo tem ganhado notoriedade entre os bebedores, o *binge drinking* ou abuso agudo de álcool, que significa beber várias doses de álcool em um curto intervalo de tempo (JUNQUEIRA et al., 2013; FREITAS, 2013). É estabelecido internacionalmente que 5 doses ou mais para homens e 4 doses ou mais para mulheres configuram o *binge drinking* (LARANJEIRA et al., 2007). A Organização Mundial de Saúde (OMS) estabelece que uma dose padrão contenha entre 10 e 12g de álcool puro, o equivalente a uma lata de cerveja ou chope (330 ml), uma taça de vinho (100 ml) ou uma dose de bebida destilada (50 ml).

Neste contexto, em 2005, durante o crescimento da indústria de bebidas alcoólicas, o Brasil sediou a “1ª Conferência Pan-Americana sobre álcool”. Ao final deste evento foram elaboradas recomendações para priorizar a prevenção, adotar estratégias regionais baseadas em estudos científicos e manter atenção especial para gestantes, jovens, adolescentes e indígenas. No entanto, mesmo antes da conferência, a proposta do Ministério da Educação, no contexto dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Fundamental e Ensino Médio, é oferecer uma educação comprometida com a cidadania, elegendo alguns temas de relevância social, como saúde, violência, álcool, drogas, preconceitos, meio ambiente e outros. A problemática do consumo de álcool e outras drogas principalmente entre adolescentes ainda é um dos temas emergentes que mais vem demandando uma ação da escola (BRASIL, 1998) apontando ineficiência na forma como este assunto vem sendo tratado pelos discentes.

A educação em saúde é tão importante, que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) trata o tema e orienta formação continuada e a capacitação dos profissionais de saúde, educação e assistência social e dos demais agentes. Tudo isso para que possam atuar na promoção, proteção e defesa dos direitos da criança e do adolescente, contribuindo para o desenvolvimento das competências necessárias à prevenção de todas as formas de violência contra a criança e o adolescente (Brasil, 1990).

Uma escola efetivamente inclinada na promoção da saúde deve desenvolver projetos, trabalhos e métodos eficazes que permitam aumento da criticidade do aluno sobre a temática das drogas lícitas ou ilícitas, corroborando com estudos acerca do uso do álcool (MOREIRA, 2005; ARALDI et al., 2012). O ensino formal constitui um importante espaço para o aprendizado em saúde e educação, pois os alunos tornam-se potenciais multiplicadores de atitudes e conhecimentos (BRASIL, 2007). Todavia, a educação em saúde necessita de profunda renovação e afirmação das ações de promoção da saúde, que incluem, em todo âmbito, a teoria e prática da informação, educação e comunicação. Sendo assim, a educação em saúde pode ser:

Entendida, de início, como uma prática que se situava na intercessão da polícia médica, do higienismo e da puericultura, a atenção à saúde escolar evoluiu em fina sintonia com o conceito de promoção da saúde. Especificamente no espaço latino-americano e caribenho, a OPAS recomenda este paradigma como forma – principalmente – de subsídio à superação de problemas de saúde da população infanto-juvenil. Há de se considerar, no entanto, que a atuação da promoção de saúde escolar – na perspectiva da supervisão à saúde –, supera os limites desse grupo humano, ocupando-se também da família, do espaço físico escolar e dos profissionais que fazem a educação, numa perspectiva de assistir e também capacitar os

indivíduos para um modelo de vida cada vez mais saudável (DE FIGUEIREDO; MACHADO; DE ABREU, 2010).

A família também exerce um papel fundamental no desenvolvimento e amadurecimento da criança, determinando funções e comportamentos sociais pertinentes para toda vida. Ela atua diretamente na prevenção e na promoção da resiliência (SCHENKER; MINAYO, 2005). O fato de os pais saberem onde os filhos se encontram quando não estão com eles (FARIA et al., 2011) pode ser considerado fator de proteção, de modo que os indivíduos bebam menos ou até nem o façam (HARRINGTON; VELICER; RAMSEY, 2014). Contudo, o fator econômico (salário), a baixa escolaridade, pais bebedores e a ausência da figura paterna ou ter um membro próximo da família com história de abuso de álcool atuam como fatores de risco determinantes para a indução de álcool e cigarro no ambiente familiar (RUIZ; ANDRADE, 2005).

Além dos prejuízos neurológicos causados pela ingestão de bebidas alcoólicas, pesquisa aponta que 90%, dos farmacodependentes consideram que a bebida alcoólica foi “a porta de entrada” para o uso de outras substâncias químicas, ficando em menor proporção os que discordam desta hipótese, 10%. (SANTOS, 2013). Dados revelam que a maconha apresenta maior prevalência de uso na população brasileira. Entre os adolescentes, 4,3% já fizeram uso da substância alguma vez na vida e analisando o uso nos últimos 12 meses, 3,4% dos adolescentes declararam ter usado. Em relação a cocaína, segunda maior prevalência entre a população, 2,3% dos adolescentes declararam ter utilizado pelo menos uma vez na vida e 1,6% deles declararam ter utilizado nos últimos 12 meses (LARANJEIRA et al., 2014).

Metodologia

O presente trabalho em educação e saúde adaptou e aplicou um questionário de fácil emprego e com demanda de poucos recursos, contando com a participação ativa de um grupo de estudantes de escola pública. O objetivo é identificar o início do consumo de álcool pelos adolescentes, determinar o padrão de consumo e também relacionar o uso de álcool com a experimentação de outras drogas.

O trabalho foi realizado em uma escola pública da Rede Estadual de Ensino, na região Oeste de Belo Horizonte, Minas Gerais. A escola possui cerca de 1300 alunos divididos em turmas que vão do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, além da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Trata-se de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, que visa investigar, esclarecer, construir e documentar atitudes e comportamentos.

Para definição da amostra foi adotada uma técnica probabilística de amostragem aleatória simples, a qual permite a mesma oportunidade de participação para todos os elementos que compõem o grupo. Foram convidados a participar da pesquisa todos os alunos matriculados no 1º ano do Ensino Médio no turno da manhã. Os critérios de inclusão dos alunos foram estudantes regularmente matriculados no primeiro ano do ensino médio da referida escola, de ambos os sexos. Como critérios de exclusão, têm-se os alunos fora da faixa etária de 14 a 18 anos de idade e aqueles matriculados no período noturno. No total, aceitaram participar 56 alunos distribuídos entre as turmas. Desse total, foi excluído um questionário devido o aluno apresentar idade superior a 18 anos (N=55).

Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário, com intuito de verificar o perfil dos alunos e seus padrões de consumo de álcool e outras drogas. As perguntas do questionário foram adaptadas a partir de um guia prático para educadores, elaborado pelo programa “Movimento pé no chão”, que foi desenvolvido e aplicado pelo governo do estado de São

Paulo (ROMANO et al., 2012).

Para análise das informações da amostra estudada, foi elaborado um banco de dados, utilizando-se o programa da IBM (International Business Machines), o Statistical Package Social Science (SPSS), versão 24. Na elaboração do banco de dados, foi realizada a prática de conferência dupla para minimizar possíveis erros de digitação e conseqüentemente erros na pesquisa. Em seguida foi utilizado o software GraphPad Prism, na versão 6.0 apenas para confecção dos gráficos. Houve ainda respostas em branco para algumas questões que, foram ajustadas pelo programa estatístico utilizado e caracterizadas como “omisso sistema”.

Este estudo foi aprovado pelo comitê de ética (CEP) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) conforme parecer número 1.606.746. De todos os pesquisados e de seus representantes, foi obtido o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) em conformidade à resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que dispõe sobre pesquisa com seres humanos.

Resultados

A amostra (n=55) foi composta por 36,4% de estudantes do sexo masculino e 63,6% do sexo feminino, com média de idade de 15,53 anos, corroborando com estudos de Botvin, Christopher e Kenneth (2015) e Laranjeira et al. (2007).

Foram citadas pelos alunos bebidas comuns como cerveja, chope, vinho, pinga, caipirinha, sidras e outros. A grande maioria (90,91%) dos alunos já teve o primeiro contato com o álcool, contrastando com apenas 9,09% que ainda não teve interesse ou oportunidade de experimentar (Figura 1).

Você já experimentou alguma bebida alcoólica?

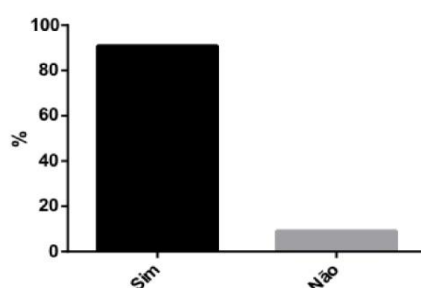


Figura 1- Experimentação de bebida alcoólica na vida entre estudantes do 1º ano do ensino médio de escola pública de Belo Horizonte MG, 2016.

Quando questionados sobre a idade em que ocorreu o primeiro contato, entre os estudantes que já experimentaram algum tipo de bebida alcoólica, 72,7% lembram a idade que ocorreu o primeiro contato. Destes, 22,9% apontam idade de início aos 12 anos. Porém, este estudo revela que, 8,6% dos alunos experimentaram álcool entre 9 e 11 anos de idade (antes dos 12 anos) e 63,6% antes dos 15 anos. Também é importante ressaltar que, entre os jovens que já experimentaram bebida alcoólica, 47,2% fez uso de álcool nos últimos 30 dias e 69,1% deles ingeriram algum tipo de bebida alcoólica nos últimos 12 meses.

Em relação ao novo padrão de consumo, o *binge drinking*, 49,1% já fizeram uso de cinco doses ou mais de bebida alcoólica numa mesma ocasião (Figura 2).

Você já tomou 5 doses ou mais de bebida alcoólica numa mesma ocasião?

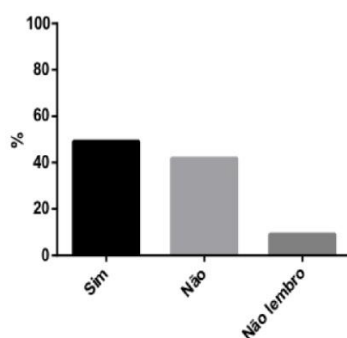


Figura 2- Ingestão de 5 doses ou mais numa mesma ocasião: *binge drinking* entre estudantes do 1º ano do ensino médio de escola pública de Belo Horizonte MG, 2016.

Entre os alunos que praticaram o *binge drinking*, 34,6% o fez durante o mês anterior a pesquisa e 41,8% no último ano. Em relação ao tipo de bebida consumida para a prática, se destacou a preferência pela vodca, cerveja, vinho ou batida.

Realizando o cruzamento entre os gêneros e abuso agudo, pode-se inferir que a pesquisa não apontou diferenciação significativa entre meninos (51,4%) e meninas (48,6%). A diferença se deu apenas em recordar se já praticaram ou não o *binge drinking*, somando 11% das meninas que não se recordam, e apenas 5% dos meninos que afirma não se lembrar.

Os dados abaixo (Figura 3) mostram o padrão de experimentação de outras drogas, apontando que 36,4% dos adolescentes já experimentaram outro tipo de droga que não fosse álcool, contrastando com 63,6% que ainda não experimentou.

Você já experimentou outros tipos de drogas?

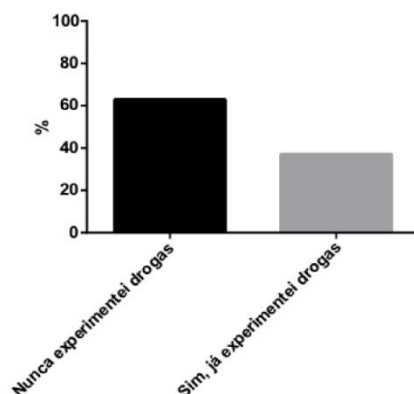


Figura 3- Quantidade de jovens que já experimentaram outras drogas que não fosse álcool entre estudantes do 1º ano do ensino médio de escola pública de Belo Horizonte MG, 2016.

Dentre as drogas relacionadas na questão estavam maconha, cocaína, “loló”, “bala”, “doce”, cola de sapateiro, “crack” e remédios controlados. Apenas um aluno da amostra não respondeu a essa questão e, entre os que já experimentaram, houve citação apenas da maconha, da cocaína, “loló” e da “bala. Os alunos poderiam apontar mais de uma opção,

portanto, foram tabuladas somente as drogas citadas em primeiro lugar (Tabela 1).

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida
Válido	Maconha	17	30,9	85,0
	Cocaína	1	1,8	5,0
	Loló	1	1,8	5,0
	“Bala”	1	1,8	5,0
	Total	20	36,4	100,0
Omisso	Sistema	35	63,6	
Total		55	100,0	

Tabela 1- Caracterização dos tipos de drogas que alunos da escola pública de Belo Horizonte-MG já experimentaram na vida/2016.

Discussão

Tudo começa pela experimentação, a partir disso, o paladar do jovem vai adaptar-se ou não à ingestão de bebida alcoólica. A grande maioria (90%) dos alunos deste estudo já teve o primeiro contato com o álcool, apontando aumento de uso na vida, se comparado aos estudos de Vieira (2007) que avulta 62% e Botvin (2015) que aponta 50%. Outro fator importante é a idade desse primeiro contato. Quase 23% dos jovens apontam idade de início aos 12 anos de idade, corroborando com estudos de Montagnani (2009), que observou maior prevalência na faixa etária de 12 a 13 anos e também indicando diminuição na idade, conforme alertou Laranjeira, em 2007.

Segundo Laranjeira (2007), beber grande quantidade em um curto espaço de tempo, ou praticar o *binge drinking* deixa os adolescentes expostos a riscos e vários problemas de saúde. Esse estudo revela que quase 50% dos adolescentes o praticam, apontando consumo indiscriminado. A situação piora quando analisada por gênero, pois ambos os sexos bebem similarmente. O resultado foi mais preocupante que o encontrado no estudo de Laranjeira (2007), que aponta apenas 21% de meninos e 12% de meninas que consumiram álcool em excesso.

O paladar dos adolescentes da periferia de Belo Horizonte varia entre a cerveja, o chope, o vinho, a pinga, a caipirinha e a sidras. Corroborando com pesquisa de Barroso (2013), em que a preferência dos adolescentes da cidade de Coimbra fica entre o vinho, a cerveja e as bebidas destiladas, o que incita que as preferências entre jovens Brasileiros e Portugueses são similares, talvez pela facilidade de compra, talvez pelo sabor agradável do vinho ou ainda pelo custo benefício que os destilados oferecem.

Ademais, o número de alunos que já experimentaram outro tipo de droga é 36,4%, mas estudos explicitaram que os dependentes químicos, em sua maioria, consideram que o consumo da bebida alcoólica influencia ou funciona como “porta de entrada” para o uso de outras drogas psicoativas (SANTOS, 2013). Todos os alunos que não experimentaram álcool afirmam que também não experimentaram outras drogas.

Considerações Finais

Um levantamento na literatura revelou que existem poucas pesquisas na prevenção ao uso e

abuso de bebida alcoólica, bem como de outras drogas. Dessa maneira, ao aplicar um questionário sobre tal temática para adolescentes do ensino médio, este trabalho abre caminho para futuras investigações, especialmente no que se refere à construção dos saberes científico dentro da sala de aula e mudança postura fora dela. É sabido que a dependência química é um problema complexo e este trabalho apontou apenas um fator de associação. Contudo, ficou claro a necessidade de pesquisas mais detalhadas, com maior número amostral, ampliação do tempo, além de uma análise do histórico e do perfil familiar desses jovens.

Os dados apontam a necessidade de um olhar diferenciado sobre as políticas de prevenção ao uso de drogas, uma vez que jovens estão adentrando ao uso de bebidas alcoólicas prematuramente. O tema precisa receber o destaque que merece no espaço formal de ensino de forma interdisciplinar. Uma vez diagnosticado o problema, e este ocorrendo em idade escolar, cria-se a necessidade de iniciar a prevenção ao uso e abuso de álcool na escola, de forma efetiva, coerente, interdisciplinar e diversificada, para que possa, futuramente, refletir positivamente nos dados estatísticos.

Referências

ARALDI J. C; NJAINE K; OLIVEIRA M. C; GHIZONI A.C. **Representações sociais de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência:** repercussões nas ações de prevenção na escola. *Interface Comum Saúde Educ*, v.16, n.40, p.135-146, 2012.

BARROSO, Teresa Maria Mendes Diniz de Andrade; MENDES, Aina Maria de Oliveira Cruz; BARBOSA, José Feliciano. **Programa de prevenção do uso/abuso de álcool para adolescentes em contexto escolar:** parar para pensar. *Research – Investigación*. v.17, n.3, p.466-473, 2013.

BOTVIN, Gilbert J; KENNETH W. Griffin and CHRISTOPHER Williams. **Preventing daily substance use among high school students using a cognitive-behavioral competence enhancement approach.** *World Journal of Preventive Medicine*, v.3, n.3, p.48-53, 2015.

BRASIL. Decreto nº 6286, de 5 de dezembro de 2007. **Programa Saúde na Escola.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 de dez. 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7145-portaria3696-25-novembro-2010-pse-programa-saude&category_slug=novembro-2010-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 28 dez. 2016.

BRASIL. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Congresso Nacional. Coordenação de Publicações, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Temas transversais. Brasília: MEC, 1998.

Centro de informações sobre saúde e álcool. **1ª Conferência Pan-Americana sobre álcool.** 2006. Disponível em: <<http://www.cisa.org.br/artigo/313/primeira-conferencia-pan-americana-sobre-politicas.php>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

DE FIGUEIREDO, Túlio Alberto Martins; MACHADO, Vera Lúcia Taqueti; DE ABREU, Margaret Mirian Scherrer. **A saúde na escola: um breve resgate histórico.** *Cien Saude Colet*, v.15, n.2, p.400. 2010.

FARIA, Roberta; VENDRAME, Alan; SILVA, Rebeca; PINSKY Ilhana. **Propaganda de álcool e associação ao consumo de cerveja por adolescentes.** *Rev Saúde Pública*, v.45, n.3, p.441-7, 2011.

FREITAS, Efigênia Aparecida Maciel. **Consumo de bebidas alcoólicas e outras substâncias psicoativas entre estudantes do ensino médio de Uberlândia-MG**. 2013.117f. Tese (doutorado) Escola de enfermagem. Ribeirão Preto, SP. 2013.

HARRINGTON, Magdalena; VELICER, Wayne F.; RAMSEY, Susan. **Typology of alcohol users based on longitudinal patterns of drinking**. Addictive behaviors, v.39, n.3, p.607-621, 2014.

JUNQUEIRA Barros de. et al. **Prevenção ao uso abusivo de álcool no contexto escolar: relato de experiência do projeto “Recriando Caminhos”**. Em Extensão, v.12, n.1, p.135-143. 2013.

LARANJEIRA, Ronaldo et al. **I Levantamento nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira**. Brasília: Senad, 2007. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/93283>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

LARANJEIRA, Ronaldo et al. **II levantamento nacional de álcool e drogas (LENAD) - 2012**. São Paulo: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (INPAD), UNIFESP. 2014. Disponível em: <<http://inpad.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Lenad-II-Relat%C3%B3rio.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

MONTAGNANI, Jesuel Marques; MENEZES, Carlos Roberto Silva; PINGE-FILHO, Phileno. **Abordagem do etilismo e do sistema imunológico nos livros didáticos de ciências e fatores associados ao consumo de álcool por estudantes no Colégio Estadual Barão do Rio Branco, Londrina, Paraná**. 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1817-8.pdf>> Acesso em: 26 Abr. 2015.

MOREIRA, Fernanda Gonçalves. 2005. **Prevenção do uso indevido de drogas: avaliação de conhecimentos e atitudes dos coordenadores pedagógicos das escolas públicas de ensino fundamental da cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (WHO). **Global status report on alcohol and health 2014**. Genebra, 2014. Disponível em:

<http://www.who.int/substance_abuse/publications/global_alcohol_report/en> Acesso em: 13 Dez. 2016.

ROMANO, Deise; ANGELI, Felipe Marques; CARVALHO, Leonardo Arquimino; AGUIAR, Sílvia Moutinho. **Movimento pé no chão: um guia prático para educadores**. Secretaria de Educação, Secretaria de Saúde e Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo: SE, 2012.

RUIZ, Martha Ramírez; ANDRADE, Denise de. **La familia y los factores de riesgo relacionados con el consumo de alcohol y tabaco en los niños y adolescentes**. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v.13, n.spe, p.813-818. 2005.

SANTOS, Cristina Silveira; GABRIEL, Keila Mary. **A bebida alcoólica como “porta de entrada” para o uso de outras drogas psicoativas**. Saúde e Pesquisa, v.6, n.2, 2013.

SCHENKER, Miriam; MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência**. Ciênc Saúde Coletiva, v.10, n.3, p.707-17, 2005.

VIEIRA, Denise Leite; RIBEIRO, Marcelo; ROMANO Marcos; LARANJEIRA, Ronaldo R. **Álcool e adolescentes: estudo para implementar políticas municipais**. Rev Saúde Pública, v.41, n.3, p.396-403, 2007.